



## **ARTE SURDA: INTERFACES ENTRE CULTURA SURDA E CULTURA VISUAL**

**Daniel Neves dos Santos Neto  
Luciana Pereira de Jesus  
Antenor Rita Gomes**

### **Resumo**

Este artigo tem como objetivo sistematizar reflexões acerca da arte surda enquanto artefato cultural que possibilita o estabelecimento de diálogos entre os estudos da cultura surda e o campo de estudos da Cultura Visual. Para tanto, a partir de autores tais como Gomes (2011), Souza (2016), Mirzoeff (2003), Strobel (2009), entre outros, esse artigo discorre sobre os conceitos de arte surda, cultura surda e cultura visual, buscando possíveis entrelaçamentos. Assim, visando construir uma relação teoria-prática no campo dos estudos da cultura surda e da cultura visual, foram desenvolvidas análises de fontes imagéticas relacionadas às produções artísticas de estudantes surdos do Centro Educacional Sons do Silêncio (CESS) – uma escola de filosofia bilíngue que considera a Língua Brasileira de Sinais (Libras) como primeira língua (L1) e a Língua Portuguesa como segunda língua (L2). Neste artigo, optamos pela abordagem qualitativa ao considerar as subjetividades envolvidas no processo da produção e de interpretação dos dados (as fotografias). As análises foram construídas a partir da perspectiva das teorias pós-críticas e pós-coloniais dos estudos culturais propostos por Silva (2010) que consideram as diferenças e as diversidades culturais do mundo contemporâneo como um fenômeno que se manifesta nos diversos espaços de interação humana, tais como as instituições escolares. Com base nas análises e na interpretação das imagens, verificamos que a produção artística das pessoas surdas apresenta um potencial de significações que podem ser utilizadas nos mais diversos contextos educacionais, por envolver a construção de sentidos múltiplos.

**Palavras-chave:** Arte Surda. Cultura Surda. Cultura Visual.

ARTE SURDA:  
INTERFACES ENTRE CULTURA SURDA E CULTURA VISUAL

Daniel Neves dos Santos Neto  
Luciana Pereira de Jesus  
Antenor Rita Gomes



## **Introdução**

Este artigo tem como propósito sistematizar reflexões acerca da arte surda enquanto artefato que possibilita o estabelecimento de diálogos entre as discussões acerca da cultura surda e o campo de estudos da cultura visual. Assim, visando compreender os pontos de interseção entre essas duas áreas temáticas, buscou-se nos estudos acerca da arte surda estabelecer conexões entre aspectos da cultura surda e as discussões sobre a cultura visual.

Essa discussão se torna relevante na medida em que se percebe que as reflexões acerca da arte surda poderão ser enriquecidas ao se estabelecer um diálogo entre os estudos culturais surdos e entre os estudos da cultura visual. Isso ocorre porque, enquanto os estudos culturais surdos vão apontar elementos que compõem a cultura surda a partir dos diversos artefatos culturais (STROBEL, 2009), constituídos tendo-se os aspectos da visualidade como características preponderantes, os estudos acerca da cultura visual provocarão reflexões acerca dos sentidos expressos nas imagens produzidas por artistas surdos (as) – imagens estas que refletem diretamente aspectos intrinsecamente relacionados aos modos de vida, às línguas, às lutas e aos comportamentos do povo surdo.

Além disso, a partir das reflexões proporcionadas pelos estudos da cultura visual, tornam-se mais compreensíveis determinados aspectos culturais que se evidenciam nas produções artísticas dos estudantes surdos. E assim,

ARTE SURDA:  
INTERFACES ENTRE CULTURA SURDA E CULTURA VISUAL

Daniel Neves dos Santos Neto  
Luciana Pereira de Jesus  
Antenor Rita Gomes



por meio da busca pelos sentidos implícitos, explícitos e obtusos que se enviesam na arte surda, favorece-nos uma maior compreensão acerca de determinadas características dos processos culturais – características estas pautadas essencialmente por artefatos visuais diversos.

Desta forma, à luz das teorias do campo de estudos da Cultura Visual, a partir dos autores Gomes (2011) e Mirzoeff (2003), poderemos melhor compreender os elementos implícitos, explícitos e obtusos<sup>1</sup> que se enviesam nas imagens analisadas, bem como as narrativas que partem destas e que contribuem para que o leitor/expectador construa e atribua sentidos à imagem quando observada.

Para isto, este trabalho constrói suas análises a partir dos pressupostos epistemológicos da pesquisa do tipo qualitativa, pois se acredita que esta, por seu caráter subjetivo que transcende as objetividades quantificadas através de dados numéricos e estatísticos, possibilita uma maior reflexão crítica acerca dos elementos culturais apontados nas imagens. Assim, neste artigo, a abordagem qualitativa tem lugar de destaque na análise e interpretação subjetiva das singularidades, das experiências, as relações humanas, das pluralidades de ideias e opiniões, das várias faces e dos vários olhares que são direcionados a um mesmo foco e das diversas formas críticas de se pensar, o

---

<sup>1</sup> Para Barthes (*apud* GOMES, 2011, p. 140), o sentido obtuso é aquele que, não estando implícito e nem explícito, parte das múltiplas possibilidades existentes de construção de sentidos diversos pautados a partir das experiências culturais e individuais de cada sujeito. É um sentido “a mais”, construído individualmente, a partir do saberes e das informações culturais que são ativados pelo sujeito no momento em que os sentidos emergem das situações comunicacionais e/ou interativas.

ARTE SURDA:  
INTERFACES ENTRE CULTURA SURDA E CULTURA VISUAL

Daniel Neves dos Santos Neto  
Luciana Pereira de Jesus  
Antenor Rita Gomes



que não seria possível de ser traduzido através da abordagem quantitativa. A esse respeito, Santos (2003, p. 120) explica que a abordagem qualitativa nas pesquisas permite que sejam analisados, através da produção de linguagem, “[...] um universo de significados, crenças e valores que correspondem a um espaço mais profundo das relações e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis quantitativas”, o que possibilita a interpretação subjetiva do mundo dos significados das ações e das relações humanas, favorecendo assim uma compreensão mais crítica do fragmento de realidade capturado para estudo.

Assim também, a utilização de imagens enquanto fontes de análises na pesquisa de inspiração qualitativa possibilita ao pesquisador uma maior compreensão acerca do universo cultural que as imagens representam. Neste sentido, Lankshear e Knobel argumentam que

o papel desempenhado por imagens (...) na pesquisa pode incluir a documentação da representação (...) na cultura popular, durante um período de tempo específico, ou entre culturas de produção; identificação de valores sociais fundamentais dentro de uma determinada cultura, grupo ou período de tempo (LANKSHEAR e KNOBEL, 2008, p. 224).

Assim, torna-se notório que as imagens, enquanto produtos culturais localizados histórica e geograficamente, corroboram para a construção de representações, ideias e valores que são veiculados ideologicamente por determinados grupos culturais. Desta forma, as imagens tomadas como objeto

ARTE SURDA:  
INTERFACES ENTRE CULTURA SURDA E CULTURA VISUAL

Daniel Neves dos Santos Neto  
Luciana Pereira de Jesus  
Antenor Rita Gomes



de análise neste artigo serão analisadas a partir de sua relação com a história e com a cultura dos povos surdos.

Visando compreender o contexto sócio-histórico-cultural a que se remetem os desenhos artísticos produzidos pelos estudantes surdos, as imagens serão analisadas tendo como perspectiva as teorias pós-críticas e pós-coloniais que inspiram os estudos culturais contemporâneos. Tais estudos levam em consideração as peculiaridades dos diversos movimentos sociais, a partir de ideais multiculturalistas, que buscam legitimar, reconhecer e garantir a representação das culturas minoritárias, de forma respeitosa e harmoniosa, nos diversos espaços políticos e sociais de poder, ao mesmo tempo em que se estabelecem lutas discursivas que visam superar a visão de cultura hegemônica construída a partir de ideais homogeneizadores (SILVA, 2010).

## 1. Cultura Visual

Segundo Gomes (2011), desde os primórdios da existência humana, os recursos visuais são utilizados com o objetivo de se expor ideias. Isso pode ser observado desde as pinturas rupestres registradas em sítios arqueológicos e que retratam os modos de vida de povos antigos até o atual contexto de cultura visual que já há tempos vem se consolidando a partir da difusão de artefatos visuais diversos. Nesse contexto, é possível afirmar que o atual mundo contemporâneo têm se constituído como um verdadeiro palco de difusão das

ARTE SURDA:  
INTERFACES ENTRE CULTURA SURDA E CULTURA VISUAL

Daniel Neves dos Santos Neto  
Luciana Pereira de Jesus  
Antenor Rita Gomes



produções visuais, sobretudo, a partir das mídias digitais e das novas tecnologias, refletindo uma clara influência da indústria cultural que tem produzido imagens diversas com objetivos essencialmente mercadológicos e capitalistas.

As novas tecnologias, desde meados do século XX, têm potencializado os meios visuais de comunicação. Hoje, mais do que em qualquer outro período da história da humanidade, dispõe-se de muito mais recursos visuais que podem ser facilmente acessados na internet e encontrados nos outdoors, nas faixas, nos cartazes, nos livros, nas ruas, nos muros, na televisão, nos *smartphones*, sendo considerados elementos já popularizados no cotidiano da população mundial. E esse contexto de massificação dos aparatos visuais têm tornado imperativo o desenvolvimento de dispositivos adequados para a leitura e a interpretação dos artefatos da cultura visual que se fazem presentes na atualidade.

Assim, tem se desenvolvido o campo de estudos da “Cultura Visual” – uma área interdisciplinar de investigação inspirada nos estudos culturais que têm se centrado nas questões de interpretação e compreensão dos sujeitos pós-modernos no que se refere à sua relação com as visualidades a que são expostos diariamente, contemplando em suas discussões temáticas das mais variadas ordens (MIRZOEFF, 2003). Além disso, o campo de estudos da cultura visual tem buscado compreender fatos do cotidiano e da experiência humana que, de alguma forma, são interpelados pelas produções visuais que

ARTE SURDA:  
INTERFACES ENTRE CULTURA SURDA E CULTURA VISUAL

Daniel Neves dos Santos Neto  
Luciana Pereira de Jesus  
Antenor Rita Gomes



são expostas na atualidade. A esse respeito, Mirzoeff faz o seguinte apontamento:

La cultura visual se interessa por los acontecimientos visuales em los que el consumidor busca la información, el significado o el placer conectados com la tecnologia visual. Entiendo por tecnologia visual cualquier forma de aparato diseñado ya sea para ser observado o para aumentar la visión natural, desde la pintura al óleo hasta la televisión e Internet. (MIRZOEFF, 2003, p. 19)

Conforme se pode notar, os diversos significados produzidos pelos elementos visuais da pós-modernidade que são produzidos no cotidiano da vida humana, quer por meio de aparatos físicos quer mediados pelas novas tecnologias, incluindo-se aí os vídeos, as fotografias, as imagens, as artes visuais, dentre outros, são o centro dos estudos da cultura visual (MIRZOEFF, 2003). Não obstante, cabe destacar que nos estudos da cultura visual as imagens recortadas para análise não são percebidas como uma verdade indiscutivelmente posta, mas sim como uma representação ou uma simulação de uma dada realidade que foi construída a partir das lentes do observador, conforma exposto a seguir: “la imagen no es la realidad, pero sí una representación de ella, una simulación, un simulacro ya es en sí una gran tarea en la actividad lectora. Esta percepción es condición básica también para llegar a leer la imagen CON y COMO reflexión crítica de la realidad” (GOMES, 2011, p. 143). Desta forma, compreender as imagens produzidas pela indústria cultural como algo intencionalmente fabricado é condição primordial para se

ARTE SURDA:  
INTERFACES ENTRE CULTURA SURDA E CULTURA VISUAL

Daniel Neves dos Santos Neto  
Luciana Pereira de Jesus  
Antenor Rita Gomes



atribuir sentidos adequados nos estudos acerca das significações produzidas no campo da cultura visual.

Dado o exposto, pensando-se o campo de estudos da cultura visual como um campo de caráter interdisciplinar, conforme apontado por Mirzoeff (2003), em que se buscam estabelecer diálogos e aproximações com outros campos do saber, busca-se neste artigo compreender as possíveis interfaces existentes entre o campo de estudos da cultura visual com o campo de estudos da cultura surda – duas áreas de estudos que se inserem na seara dos estudos culturais e que possuem como elemento de interseção o interesse pela análise dos sentidos, dos significados, das representações e das percepções visuais que os sujeitos constroem de si mesmos e do mundo ao seu redor a partir dos artefatos visuais que os cercam.

## **2. Cultura Surda**

A perspectiva pós-moderna de concepção de cultura têm construído discussões que buscam superar a tendência de hierarquização de culturas que por muitos séculos colocou em destaque apenas a cultura do homem branco, europeu, cristão e heterossexual, visando assim a dar visibilidade também às diversas culturas de povos minoritários (em representação política, não em quantidade numérica), tais como o povo surdo. Nesse sentido, a cultura surda é tomada pelo viés pós-moderno multiculturalista do multiculturalismo que não

ARTE SURDA:  
INTERFACES ENTRE CULTURA SURDA E CULTURA VISUAL

Daniel Neves dos Santos Neto  
Luciana Pereira de Jesus  
Antenor Rita Gomes



considera uma cultura como sendo superior à outra, mas destaca a importância de se valorizar os aspectos culturais existentes em todos os grupos humanos (SILVA, 2010).

Sobre a cultura surda, a autora Karin Strobel faz o seguinte apontamento:

Cultura surda é o jeito de o sujeito surdo entender o mundo e de modificá-lo a fim de torná-lo acessível e habitável, **ajustando-o com as suas percepções visuais**, que contribuem para a definição das identidades surdas e das “almas” das comunidades surdas. Isto significa que abrange a língua, as ideias, as crenças, os costumes e os hábitos do povo surdo. (STROBEL, 2009, p. 22)

Conforme se pode notar, as experiências culturais do povo surdo são, por excelência, construídas visualmente, tendo em vista que o sentido sensorial da visão é o que possibilita aos surdos perceberem o mundo ao seu redor através dos diversos elementos visuais que lhe são oferecidos visualmente por meio da cultura visual. E estas experiências culturais pautadas pelas visualidades favorecem aos surdos desenvolverem culturalmente vários artefatos que refletem as peculiaridades da cultura surda (STROBEL, 2008). Cabe ainda destacar que, segundo Strobel (2008, p. 38), a cultura surda envolve as “atitudes do ser surdo, de ver, de perceber e de modificar o mundo” por meio de práticas culturais que, por não terem a audição e os elementos

ARTE SURDA:  
INTERFACES ENTRE CULTURA SURDA E CULTURA VISUAL

Daniel Neves dos Santos Neto  
Luciana Pereira de Jesus  
Antenor Rita Gomes



sonoros como referência, se constituem como distintas das desenvolvidas por grupos culturais ouvintes.

No que se refere ao conceito de “artefato cultural”, Strobel (2008, p. 37) o caracteriza como sendo os diversos “objetos ou materiais produzidos pelos grupos culturais”, incluindo-se aí “tudo o que se vê e sente quando se está em contato com a cultura de uma comunidade, tais como materiais, vestuário, maneira pela qual um sujeito se dirige a outro, tradições, valores e normas, etc.”. Dito de outro modo, na perspectiva dos estudos culturais, os artefatos compreendem um conjunto de materiais físicos e simbólicos que mediam as relações entre uma dada comunidade e que são, ao mesmo tempo, fruto dos processos interacionais que são construídos entre os indivíduos, refletindo seus modos de ser, de ver, de entender e de transformar o mundo ao seu redor.

Strobel (2008) mapeou nove artefatos culturais que compõem a cultura surda, conforme listado a seguir: 1) Experiência visual, que possibilita aos surdos se constituírem enquanto sujeitos que percebem o mundo por meio da visão; 2) linguístico, que faz referência à utilização das línguas de sinais enquanto meio de comunicação do povo surdo; 3) familiar, que se refere ao fato de mais de 90% das crianças surdas nascerem em lares ouvintes, o que traz implicações negativas tanto para a construção da identidade surda de tais sujeitos quanto para a aquisição da língua de sinais; 4) literatura surda, que compreende a criação obras literárias por surdos utilizando a língua de sinais e

ARTE SURDA:  
INTERFACES ENTRE CULTURA SURDA E CULTURA VISUAL

Daniel Neves dos Santos Neto  
Luciana Pereira de Jesus  
Antenor Rita Gomes



a escrita de sinais; 5) vida social, que faz referência aos diversos processos interacionais desenvolvidos pelos surdos por meio de associações e organizações institucionais diversas; 6) vida esportiva, que se refere às práticas desportivas e competitivas organizadas e desenvolvidas somente por sujeitos surdos que, por muitos séculos, foi excluído das práticas desportivas desenvolvidas por ouvintes; 7) artes visuais, que compreende a produção artística do povo surdo; 8) política, que compreende aos movimentos políticos desenvolvidos pelos surdos pelo reconhecimento de seus direitos linguísticos, culturais, educacionais e identitários; 9) materiais, que se referem às diversas tecnologias desenvolvidas com o objetivo de proporcionar a acessibilidade ao povo surdo. Percebemos, deste modo, que a cultura surda se constitui a partir da relação com/entre diversos artefatos que possibilitam aos surdos se reconhecerem como sujeitos pertencentes a uma comunidade que partilha valores, modos de ser, comportamentos e visões de mundo.

A esse respeito, Mirzoeff (2003) aponta que a identidade dos indivíduos é definida no lugar da cultura. Assim também Hall (*apud* STROBEL, 2003) destaca que a identidade cultural dos sujeitos se constitui na interação destes com sua comunidade que irá favorecer a tais sujeitos a construção do sentimento de pertença à cultura a que está vinculado. No caso dos surdos, a identidade cultural surda é constituída quando os sujeitos surdos interagem com seus pares em uma comunidade surda, criando assim um sentimento de pertença em relação a esta comunidade. E este pertencimento se pauta, entre

ARTE SURDA:  
INTERFACES ENTRE CULTURA SURDA E CULTURA VISUAL

Daniel Neves dos Santos Neto  
Luciana Pereira de Jesus  
Antenor Rita Gomes



outras coisas, pelo compartilhamento de experiências semelhantes, tais como as experiências visuais tão marcantes nos modos culturais expressos pelo povo surdo. Corroborando com esta ideia, Strobel aponta que a

Experiência visual significa a utilização da visão, em (substituição total à audição), como meio de comunicação. Dessa experiência visual surge a cultura surda representada pela língua de sinais, pelo modo diferente de ser, de se expressar, de conhecer o mundo, de entrar nas artes, no conhecimento científico e acadêmico. A cultura surda comporta a língua de sinais, a necessidade do intérprete, de tecnologia, de leitura. (STROBEL, 2008, p. 39).

Percebemos, desta forma, que as comunidades surdas são organizadas culturalmente a partir de alguns elementos que lhe são peculiares, tais como a utilização de uma língua de sinais – uma língua produzida manualmente e que é percebida geralmente por meio da visão, podendo também ser percebida de forma tátil no caso dos surdocegos. Além disso, outros elementos culturais do povo surdo, categorizados por Strobel (2008) como artefatos, tais como as tecnologias de acessibilidade, a literatura surda e a arte surda, também são percebidos essencialmente por meio da visão, o que torna os surdos sujeitos peculiares que estão imersos numa cultura que possui distintas características das culturas experienciadas pelos sujeitos ouvintes.

Um dos artefatos culturais do povo surdo que merecem destaque, por também ser de interesse do campo dos estudos da cultura visual, é a arte surda. Segundo Strobel (2008), por meio das artes os surdos expressam

ARTE SURDA:  
INTERFACES ENTRE CULTURA SURDA E CULTURA VISUAL

Daniel Neves dos Santos Neto  
Luciana Pereira de Jesus  
Antenor Rita Gomes



sentimentos, percursos históricos desenvolvidos pelo povo surdo, suas subjetividades, suas lutas e sua identidade cultural construída no seio das comunidades surdas e a própria cultura surda representada pelos diversos elementos que fazem parte do cotidiano dos surdos. Assim, cabe assinalar o que se compreende, de fato, por arte surda, bem como sua relevância enquanto elemento que pode promover um diálogo entre os estudos da cultura surda e os estudos do campo da cultura visual.

### **3. Arte Surda**

Segundo Souza (2014), não há no Brasil trabalhos acadêmicos e científicos que busquem estabelecer pesquisas e investigações acerca da constituição histórica da arte surda em território brasileiro. Entretanto, pesquisadores surdos brasileiros, tais como Strobel (2008), têm feito destaques positivos em relação à arte surda, relacionando-a às diversas criações artísticas do povo surdo em que manifestam suas lutas, suas ideologias, suas histórias e sua cultura, trazendo sempre em evidência artefatos culturais do povo do surdo, tais como as línguas de sinais e as experiências visuais surdas.

Para Strobel, “o artista surdo cria a arte para que o mundo saiba o que pensa, para divulgar as crenças do povo surdo, para explorar novas formas de “olhar” e interpretar a cultura surda” (STROBEL, 2008, p. 66). Percebe-se, desta forma, que a arte surda se constitui como um artefato cultural do povo

ARTE SURDA:  
INTERFACES ENTRE CULTURA SURDA E CULTURA VISUAL

Daniel Neves dos Santos Neto  
Luciana Pereira de Jesus  
Antenor Rita Gomes



surdo que contribui para a visibilidade das subjetividades presentes em cada sujeito surdo, podendo assim expressar suas ideias, suas convicções, suas lutas e movimentos e seus percursos diversos empreitados ao longo de sua vida.

Outro destaque a ser apontado para a arte surda é que esta não raro tem se tornado instrumento de denúncia contra as práticas ouvintistas<sup>2</sup>. Assim, muitas vezes, a arte surda tem representado a polaridade existente as línguas de sinais e as línguas orais, as lutas do povo surdo contra as práticas médico-terapêuticas de protetização auditiva e as diversas situações de preconceito e de discriminação sofridos ao longo de sua história.

Percebe-se, desta forma, que se torna necessário conhecer o mundo dos surdos para se interpretar adequadamente as imagens produzidas por meio da sua arte, pois, conforme aponta Gomes (2011, p. 144): “leer la imagen, así como leer la palabra, es antes de nada un trabajo de interpretación que requiere conocimiento del mundo, conocimiento del código y producción de

---

<sup>2</sup> Para Skliar (1998, p. 15), o ouvintismo se refere “às representações dos ouvintes sobre a surdez e sobre os surdos – e o oralismo – a forma institucionalizada do ouvintismo – continuam sendo, ainda hoje, discursos hegemônicos em diferentes partes do mundo. Trata-se de um conjunto de representações dos ouvintes, a partir do qual o surdo está obrigado a olhar-se e a narrar-se como se fosse ouvinte. Além disso, é nesse olhar-se, e nesse narrar-se que acontecem as percepções do ser deficiente, do não ser ouvinte, percepções que legitimam as práticas terapêuticas habituais. o ouvintismo se refere às práticas sociais que concebe o sujeito ouvinte como um modelo ideal a ser imitado pelo sujeito surdo”. Assim, nessa perspectiva, a idealização ouvintista é construída tendo como foco a audição funcional e o desenvolvimento da linguagem oral, sendo imposta aos surdos ao mesmo tempo em que lhe é negado o direito de se constituir identitariamente como sujeito surdo, bem como o direito de usar a Libras e o direito de se reconhecer enquanto pertencente a uma comunidade surda culturalmente distinta da cultura ouvinte.

ARTE SURDA:  
INTERFACES ENTRE CULTURA SURDA E CULTURA VISUAL

Daniel Neves dos Santos Neto  
Luciana Pereira de Jesus  
Antenor Rita Gomes



interfaces con el pretexto y las condiciones de producción”. Assim, para se analisar adequadamente as imagens produzidas por estudantes surdos torna-se primordial conhecer os processos históricos e culturais que provocaram a produção das imagens, bem como o contexto de produção que motivou sua elaboração.

#### **4. Arte Surda: uma análise na perspectiva da cultura surda e da cultura visual**

A produção artística dos (as) alunos (as) surdos (as) representa um artefato cultural, ou seja, o resultado de um processo de construção social do qual emergem relações de poder numa situação cultural ou social determinada. Dito isto, nos apropriamos das teorias pós-modernistas dos Estudos Culturais para a análise e interpretação das produções artísticas dos estudantes surdos, tendo em vista que tais teorias buscam o viés subjetivo na construção das interpretações e no processo de atribuição de sentidos às imagens.

Nesse sentido, segundo Tomaz Tadeu da Silva (2002), os Estudos Culturais concebe a cultura como um

[...] campo de luta em torno de significação social. A cultura é um campo de produção de significados no qual os diferentes grupos sociais, situados em posições diferenciais de poder, lutam pela imposição de seus significados à sociedade mais ampla. A cultura é nessa concepção, um campo de contestado de significação. O que está centralmente envolvido nesse jogo é a definição de identidade cultural e social dos diferentes grupos. A

ARTE SURDA:

INTERFACES ENTRE CULTURA SURDA E CULTURA VISUAL

Daniel Neves dos Santos Neto

Luciana Pereira de Jesus

Antenor Rita Gomes



cultura é um jogo de poder. Os Estudos Culturais são particularmente sensíveis às relações de poder que definem o campo cultural (2002, p. 133-134).

Sendo a cultura encarada como um campo de luta em torno de significação social, as análises feitas nos Estudos Culturais, segundo Tomaz Silva (2002), não pretendem nunca ser neutras ou imparciais. Ao se tecer críticas a alguma relação de poder existente em determinada situação social ou cultural não raro toma-se partido dos grupos em desvantagens nessas relações. Dessa forma, o estudo das imagens produzidas pelos (as) alunos (as) surdos (as) a partir das análises realizados pelos Estudos Culturais trará contribuições importantes porque privilegiará questões relativas à conexão entre cultura, significação, identidade e poder, tomando-se os sujeitos surdos e sua cultura numa perspectiva prospectiva e não depreciativa.

As imagens a serem analisadas a seguir são registros fotográficos de produções artísticas de estudantes surdos da educação básica, matriculados no Centro Educacional Sons do Silêncio (CESS) – uma escola de filosofia bilíngue mantida pela Associação Educacional Sons do Silêncio (AESOS) que fica localizada na cidade de Salvador/Bahia. As produções artísticas que se constituíram como fontes de análise para este artigo foram construídas no ano de 2014 na semana em que se comemorou o Dia Nacional dos Surdos (26 de Setembro).

As pinturas produzidas pelos estudantes foram solicitadas como uma atividade didático-pedagógica em sala de aula, onde estes deveriam fazer

ARTE SURDA:  
INTERFACES ENTRE CULTURA SURDA E CULTURA VISUAL

Daniel Neves dos Santos Neto  
Luciana Pereira de Jesus  
Antenor Rita Gomes



desenhos artísticos que representassem os diversos movimentos surdos em prol do Dia Nacional dos Surdos. Após o momento de produção, as atividades foram expostas no pátio da escola para que estudantes surdos de outras turmas, bem como professores (as) e demais integrantes da equipe escolar pudessem apreciar as produções realizadas. Após o momento da exposição foram registradas por meio de fotografias cerca de 40 produções artísticas de estudantes surdos, possibilitando assim a construção de um arquivo visual e a permanência por mais tempo da memória das atividades realizadas (MIRZOEFF, 2003). No entanto, para fins de análise neste artigo, foram escolhidos apenas três desenhos artísticos, tendo-se como base para a seleção o potencial de significados que emergem e que podem ser explorados em cada imagem.

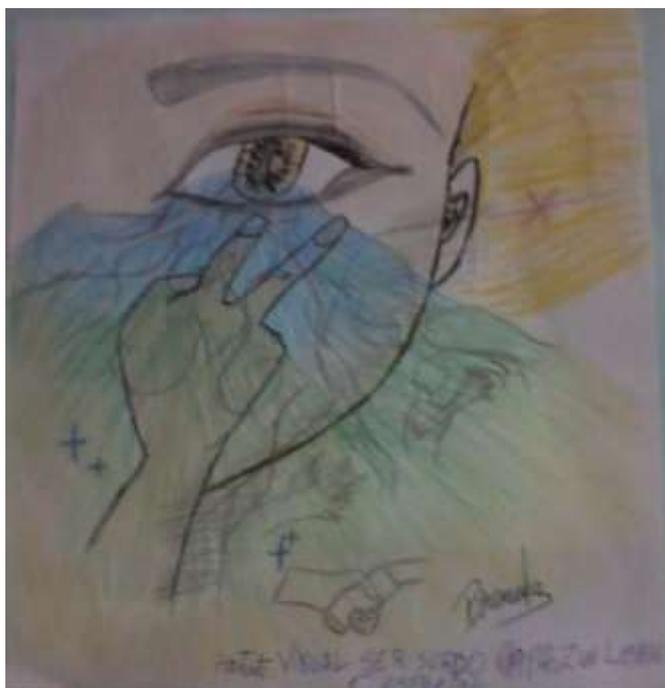
O Dia Nacional dos Surdos foi instituído pela Lei nº 11.796 de 2008 e atualmente se constitui como um dia de mobilização e de lutas empreendidas pelas comunidades surdas por todo o Brasil. É um dia marcante que fomenta ações por todo o mês de setembro – doravante denominado pelas comunidades surdas de Setembro Azul – mobilizando escolas, organizações e instituições diversas por todo o Brasil para o desenvolvimento de atividades alusivas às lutas históricas desenvolvidas pelo povo surdo. A data de 26 de setembro foi escolhida pela comunidade surda para a realização de tal comemoração em alusão à implantação da primeira escola de surdos no Brasil

ARTE SURDA:  
INTERFACES ENTRE CULTURA SURDA E CULTURA VISUAL

Daniel Neves dos Santos Neto  
Luciana Pereira de Jesus  
Antenor Rita Gomes

– o atual Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) – que foi instalado no Rio de Janeiro/RJ em 26 de Setembro de 1857.

O primeiro desenho a ser analisado neste estudo foi o produzido pela estudante Brenda<sup>3</sup> conforme observado a seguir:



Fonte: Arquivo dos autores

---

<sup>3</sup> A publicação neste artigo dos desenhos com os nomes dos respectivos autores foi autorizada pela escola e pelos estudantes que os produziram.

ARTE SURDA:  
INTERFACES ENTRE CULTURA SURDA E CULTURA VISUAL

Daniel Neves dos Santos Neto  
Luciana Pereira de Jesus  
Antenor Rita Gomes



Da primeira imagem a ser observada emergem temáticas sobre a identidade surda, língua de sinais e liberdade. Elementos visuais em diálogo com informações verbais ajudam na construção de sentidos. Neste desenho, os olhos aparecem em evidência, fazendo um destaque para as visualidades presentes na cultura surda, sendo isso ratificado pelo sinal em Libras utilizado para o verbo “ver” e/ou para o substantivo “visão”. Tal sinal é constituído através da configuração da mão em “v” articulado próximo aos olhos e com movimento retilíneo unidirecional. Segundo Mirzoeff (2003, p. 58), “nuestros ojos se posan en diferentes lugares determinando qué es posible ver”, indicando que, para o ser humano, de um modo geral, os olhos são, de fato, um dos órgãos dos sentidos que mais o possibilitam compreender e interpretar o mundo ao seu redor. Assim também, Gomes (2011) destaca que o ato de ver se constitui como um tipo de experiência que faz relação com os sentidos e com a construção de entendimentos dos elementos que constitui a materialidade do mundo que nos rodeia. Sendo isso verdade, no caso dos (as) surdos (as) – sujeitos que não constroem suas experiências com base na audição funcional – os olhos se tornam ainda mais evidentes dada a relevância da visão para estes sujeitos na construção de suas percepções cotidianas. Outro destaque também possível de ser feito nesta imagem é o fato de um elemento do léxico da Libras se fazer presente (sinal de “ver/visão”), fazendo

ARTE SURDA:  
INTERFACES ENTRE CULTURA SURDA E CULTURA VISUAL

Daniel Neves dos Santos Neto  
Luciana Pereira de Jesus  
Antenor Rita Gomes



alusão ao artefato cultural linguístico que se faz presente de forma marcante na cultura surda, conforme apontado por Strobel (2008).

O olho em evidência neste desenho pode justificar-se ainda pelo fato de ser o principal meio de recepção dos sinais e do próprio mundo, pelo qual é possível a comunicação em Língua de Sinais. Logo, a experiência visual, segundo Strobel (2008) é um dos artefatos culturais que são peculiares da Cultura Surda. É através dessa que as pessoas surdas entendem o mundo de forma de diferente e percebem suas singularidades através de reflexões que essa experiência lhe permite auferirem. Segundo a autora, o conceito de artefato cultural “não se refere apenas a materialismos culturais, mas a aquilo que na cultura constitui produções do sujeito que tem seu próprio modo de ser, ver, entender e transformar o mundo” (STROBEL, 2008, pág. 37). Dessa forma, pode-se depreender que todas as produções dos sujeitos são artefatos culturais e os sendo ilustram uma cultura.

É possível observar que na parte inferior direita do desenho artístico a estudante surda fez o registro em língua portuguesa da seguinte expressão: “Artista visual ser surdo capaz em LIBRAS é especial”. Conforme argumenta Salles (2004), a língua portuguesa se constitui para os surdos como uma segunda língua (L2), devendo ser ensinada a este público nas instituições escolares em sua modalidade escrita. Entretanto, Quadros e Sousa (2013) argumentam que os surdos, ao aprenderem a língua portuguesa, perpassam por estágios diversos de interlíngua, onde tenderá a refletir em suas produções

ARTE SURDA:  
INTERFACES ENTRE CULTURA SURDA E CULTURA VISUAL

Daniel Neves dos Santos Neto  
Luciana Pereira de Jesus  
Antenor Rita Gomes



escritas em português a morfologia e a sintaxe próprias da Libras. Além disso, pesquisas desenvolvidas por Meirelles e Spinillo (2004) evidenciaram que os surdos demonstram ter dificuldades de produzir escritas em língua portuguesa com a coesão adequada. Com isso, pode-se depreender que, embora a estudante faça um registro em língua portuguesa fora das normas estabelecidas pela gramática normativa desta língua, ainda assim tentou estabelecer um diálogo verbal coerente com o texto imagético elaborado.

O texto verbal tem características diferentes do texto imagético. Um pode mudar o sentido original do outro, mas pode também completá-lo, acrescentá-lo, direcioná-lo para melhor compreensão do leitor. Assim fez a estudante surda ao produzir um texto verbal logo em seguida ao texto imagético. E nesta sobreposição de ideias, podemos fazer a seguinte interpretação de leitura: a estudante marca seu sentimento de pertencimento identitário de artista/autora da arte de uma cultura específica (a cultura surda) e de sua interação com sua comunidade, corroborando com os debates apontados por Hall (2004) e por Perlin (2003) de que os sujeitos sempre buscam (re)afirmar e (re)configurar suas identidades culturais, que estão sempre em processo de (re)definição.

Percebe-se o entrecruzamento de identidades no mesmo sujeito, através da vontade expressa pela aluna no desenho, de marcar não só a identidade surda, mas também a identidade artística. Portanto, é possível inferir que essa aluna também está atravessada por múltiplas identidades que estão expostas a todos os fenômenos sócio-históricos, políticos, ideológicos e econômicos do

ARTE SURDA:  
INTERFACES ENTRE CULTURA SURDA E CULTURA VISUAL

Daniel Neves dos Santos Neto  
Luciana Pereira de Jesus  
Antenor Rita Gomes



seu tempo, sendo afetadas por estes. A depender do contexto de interação, umas identidades são acionadas e se sobrepõem mais do que as outras, o que não significa dizer que as outras desapareceram, mas que se reconfiguram de forma fluída a partir das situações que emergem no contexto interacional. Hall, ao se referir à globalização e aos efeitos que tem provocado, aponta que

Ela tem um efeito pluralizante sobre as identidades, produzindo uma variedade de possibilidades e novas posições de identificação, e tornando as identidades mais posicionais, mais políticas, mais plurais e diversas; menos fixas, unificadas ou trans-históricas. (HALL, 2004, p. 87)

Além das questões identitárias, a estudante reafirma ainda as potencialidades do povo surdo que são possibilitadas por meio do conhecimento de uma língua de sinais (Libras) ao escrever a palavra “capaz”, fazendo uma contraposição ao discurso social de deficiência e de incapacidade que tem sido direcionado ao povo surdo, ao mesmo tempo em que destaca que a surdez, para a autora do desenho, é entendida não como uma deficiência, mas como uma identidade cultural (STROBEL, 2008). A expressão “surdo capaz” destaca a questão de que as pessoas surdas podem ser capazes de expressar suas subjetividades e a Língua de Sinais, nesse contexto, torna-se essencial para ressaltar as suas potencialidades. Ser surdo, nesse sentido, diverge do discurso social de deficiência e de incapacidade ainda muito presente no imaginário coletivo. Ser surdo significa, pois, a superação desse discurso, sendo a surdez compreendida não como uma deficiência, mas como

ARTE SURDA:  
INTERFACES ENTRE CULTURA SURDA E CULTURA VISUAL

Daniel Neves dos Santos Neto  
Luciana Pereira de Jesus  
Antenor Rita Gomes

uma identidade cultural. Nesta imagem, a estudante também faz uma afirmação identitária ao se apresentar como “artista visual” – afirmação identitária esta construída a partir de referenciais de artistas surdos que muito têm contribuído para o empoderamento das comunidades surdas (SOUZA, 2014).

Outro desenho artístico analisado é o da estudante Cristina, conforme pode ser observado a seguir:



Fonte: Arquivo dos autores

ARTE SURDA:  
INTERFACES ENTRE CULTURA SURDA E CULTURA VISUAL

Daniel Neves dos Santos Neto  
Luciana Pereira de Jesus  
Antenor Rita Gomes



Segundo Tomaz Tadeu Silva (2001), não se pode separar questões culturais de questões de poder. Portanto, a produção artística acima evidencia nitidamente essas relações de forças existentes na história da cultura surda. Desde o título da obra (Desenhe de Arte Oralismo x Língua de Sinais) a estudante já evidencia as relações de poder que por muito tempo mediaram as relações entre ouvintes e comunidades surdas ao polarizar a filosofia oralista (representada pelas bocas em evidência) em oposição às línguas de sinais (representadas pelas mãos).

O extremo esquerdo da imagem representa, através do desenho de várias bocas abertas e fechadas, os ideais oralistas em oposição à Língua de Sinais, representada no extremo direito, em destaque, através do desenho de diversas mãos. Essa oposição é marcada nitidamente pelo título dado ao desenho e por uma linha que separa as bocas das mãos, evidenciando assim os debates que marcaram a história dos surdos acerca das filosofias “Oralismo” e “Bilinguismo”.

Outro destaque possível de ser feito em relação à imagem anteriormente exposta diz respeito ao fato de que, segundo Gomes (2011) e Mirzoeff (2003), toda imagem tem uma narrativa implícita. Esta narrativa pode ser construída a partir da representação artística das mãos em movimentos quebrando as correntes. A corrente quebrada das mãos em destaque pode significar o fim do julgo da filosofia oralista, bem como, a luta dos movimentos sociais organizados de surdos (as) pela liberdade de escolha pela opção comunicativa

ARTE SURDA:  
INTERFACES ENTRE CULTURA SURDA E CULTURA VISUAL

Daniel Neves dos Santos Neto  
Luciana Pereira de Jesus  
Antenor Rita Gomes



que melhor os (as) representasse(m) - a Língua de Sinais. Tais correntes remetem à proibição das línguas de sinais a partir do Congresso de Milão no final do século XIX e que perdurou até meados do século XX, trazendo repercussões negativas para a difusão das línguas de sinais por todo o mundo, incluindo no Brasil. Com esta proibição, os surdos foram obrigados a se submeterem a práticas oralistas e a terapias de reabilitação da audição, fazendo com que o discurso clínico-terapêutico da surdez ultrapassasse os limites da área da saúde e se viesasse até mesmo nas práticas pedagógicas de ensino aos surdos (CAMPELLO, 2008).

Esse fato não significou, entretanto, o fim, ou mesmo, o desaparecimento da Língua de Sinais - esta continuou a ser utilizada às escondidas, permitindo que se configurasse um ambiente de resistência às diretrizes impostas no Congresso de Milão (REZENDE, 2010). Mesmo com tal proibição, os surdos estabeleceram formas de resistências por usar as línguas de sinais às ocultas, desenvolvendo ao longo das décadas diversos movimentos que lutavam pelo reconhecimento das línguas de sinais e pelos direitos linguísticos de poderem utilizar uma língua que de fato representasse as nuances da cultura surda. No Brasil esse direito foi conquistado a partir do reconhecimento da Língua Brasileira de Sinais (Libras) como um meio legítimo de comunicação das comunidades surdas com a promulgação da Lei nº 10.436 de 2002. Não obstante, cabe destacar ainda que, apesar das lutas dos movimentos sociais dos (as) surdos (as), a filosofia oralista ainda se encontra

ARTE SURDA:  
INTERFACES ENTRE CULTURA SURDA E CULTURA VISUAL

Daniel Neves dos Santos Neto  
Luciana Pereira de Jesus  
Antenor Rita Gomes



muito presente na sociedade, dado ao fato de haver ainda entre a grande maioria dos profissionais da área da saúde um discurso hegemônico e impositivo acerca das terapias clínicas e terapêuticas de reabilitação da surdez.

Ao se analisar a imagem acima torna-se necessário conhecer os diversos processos históricos e culturais que possibilitaram a sua construção, tendo em vista que, na interpretação de determinada imagem, os elementos visuais e a história da comunidade surda se relacionam e se completam, permitindo a constituição de diversos significados. A esse respeito, Gomes (2011) esclarece que

es importante recordar que la imagen ha sido objeto de estudio desde diferentes perspectivas científicas, que la toman como problemas generados por la propia realidad y, por tanto, puede ser estudiada desde la psicología, historia, arte, literatura o la neurología, haciendo con que cada vez más el lenguaje sea entendida como objeto de lectura transversal y multidisciplinar (GOMES, 2011, p. 143).

Assim, pode-se afirmar que a construção de sentidos nas imagens pode se dar estabelecendo-se relação também com o contexto histórico a que as imagens se referem, possibilitando, nesse sentido, uma descrição mais aprofundada a partir de uma leitura transversal e multidisciplinar do texto imagético.

ARTE SURDA:  
INTERFACES ENTRE CULTURA SURDA E CULTURA VISUAL

Daniel Neves dos Santos Neto  
Luciana Pereira de Jesus  
Antenor Rita Gomes

E por fim, a última imagem analisada neste artigo é referente ao desenho artístico produzido pelo estudante Alberto, conforme se pode ser observado a seguir:



Fonte: Arquivo dos Autores

Dentre os desenhos produzidos pelos estudantes surdos no contexto já anunciado neste trabalho, este último pode ser considerado um dos mais intrigantes, dado o fato de este envolver um universo de significados e concentrar ricas subjetividades, conotações e metáforas. Nesta imagem a “chuva de mãos” estabelece uma relação metafórica com as línguas de sinais e com sua influência no desenvolvimento linguístico e cognitivo dos sujeitos

ARTE SURDA:  
INTERFACES ENTRE CULTURA SURDA E CULTURA VISUAL

Daniel Neves dos Santos Neto  
Luciana Pereira de Jesus  
Antenor Rita Gomes



surdos. Há nesta o desenho de uma mulher localizada em posição superior de destaque no desenho, na posição do elemento “sol”, de onde se irradiam várias mãos que configuram o sinal de “I Love You” na Língua de Sinais Americana (ASL), representando metaforicamente elementos da natureza, tais como a luz e a chuva, que fertilizam o solo e proporcionam os subsídios necessários para o desenvolvimento pleno das flores assim como as línguas de sinais proporcionam o desenvolvimento das pessoas surdas.

Neste desenho, a apropriação de um elemento léxico de uma língua estrangeira (Língua de Sinais Americana – ASL) indica que, nas comunidades surdas, o contato dos surdos brasileiros com surdos norte-americanos tem se intensificado, sendo tal mediação proporcionada sobretudo por meio das novas tecnologias que têm favorecido a interação entre pessoas de lugares diferentes.

O desenvolvimento pleno interpretado no desenho pode significar o desenvolvimento linguístico e cognitivo dos surdos a partir do contato com uma língua de sinais. Segundo Quadros (1997), o desenvolvimento linguístico e cognitivo dos surdos está diretamente relacionado ao processo de aquisição de uma língua de sinais desde a primeira infância, conforme ocorre com os bebês ouvintes no aprendizado da língua oral. E é no processo interacional com outros pares surdos que estes adquirem a linguagem e passam a fazer uso natural da língua de sinais, sendo que, quando não há essa aquisição de uma

ARTE SURDA:  
INTERFACES ENTRE CULTURA SURDA E CULTURA VISUAL

Daniel Neves dos Santos Neto  
Luciana Pereira de Jesus  
Antenor Rita Gomes



língua na idade adequada, os surdos podem ter graves comprometimentos em relação ao seu processo de interação com outros indivíduos.

É possível destacar também que as Línguas de Sinais possuem relação direta com o desenvolvimento educacional dos sujeitos surdos, pois é por meio desta língua que os surdos têm acesso ao conhecimento de mundo que lhes é proporcionado na instituição escolar. Neste contexto, não raro é possível encontrar surdos cujo processo de escolarização não fora bem sucedido devido ao desconhecimento de uma língua de sinais tanto por parte do sujeito surdo quanto por parte dos profissionais que o estavam guiando em seu processo de escolarização.

Além disso, é possível notar também que o desenho em análise possui a imagem de várias flores em seu ato de desabrochar, em seu desenvolvimento, partindo de um “botão de flor” para uma flor plenamente desabrochada e “viva”. Observa-se na imagem que as flores (representação dos surdos e das surdas) recebem subsídios essenciais (utilização da Língua de Sinais) para o seu desenvolvimento pleno em todas as fases de sua existência, desde brotos até suas pétalas desabrocharem totalmente. Percebe-se, desta forma, que dessa imagem emergem implicitamente a narrativa acerca do desenvolvimento do sujeito surdo a partir de seu contato com a língua de sinais, onde a “menor flor” indica o (a) surdo (a) que não conhece a Libras, não se desenvolveu linguística e cognitivamente e, portanto, não se reconhece como surdo. Quanto à “maior flor”, esta representa o (a) surdo (a) plenamente desenvolvido (a), capaz de

ARTE SURDA:  
INTERFACES ENTRE CULTURA SURDA E CULTURA VISUAL

Daniel Neves dos Santos Neto  
Luciana Pereira de Jesus  
Antenor Rita Gomes



desenvolver qualquer atividade com autonomia e plenamente consciente de si e do mundo ao seu redor, possuindo identidade surda bem definida e interagindo com outros (as) surdos (as) membros de uma comunidade surda.

Essa imagem lembra ainda da importância, já destacada em diversas pesquisas acerca da aquisição das línguas de sinais, de que, para as pessoas surdas se desenvolvam linguisticamente e cognitivamente, deve estar em contato com as Línguas de Sinais desde sua tenra idade através da interação com outras pessoas surdas fluentes nesta língua.

Outro elemento da imagem que merece destaque é a presença feminina, representada pela imagem de uma mulher que se constitui a partir da simbiose entre o sol e uma surda que se comunica em Libras. Tal presença marcante no desenho pode indicar a forte presença da mulher (mãe, professora, liderança surda, etc.) no ensino da Libras aos surdos, embora se saiba que a presença masculina no mundo dos surdos também se faz de forma evidente.

Não obstante, cabe destacar aqui que, geralmente, os familiares dos surdos pouco tem contribuído para que estes aprendam a língua de sinais. Grande parte do desenvolvimento destes se dá por meio do ensino desta língua em ambiente institucional escolar propício ao desenvolvimento da linguagem e também por meio da interação com outros pares surdos. A esse respeito, Moura, Lodi e Harrison (*apud* STROBEL, 2008) apontam que a criança surda, ao estabelecer contato com modelos surdos adultos, não apenas assegura a aquisição e o desenvolvimento de uma linguagem como

ARTE SURDA:  
INTERFACES ENTRE CULTURA SURDA E CULTURA VISUAL

Daniel Neves dos Santos Neto  
Luciana Pereira de Jesus  
Antenor Rita Gomes



também constrói processos interacionais ao mesmo tempo em que desenvolve um autoconceito positivo de si, percebendo a si mesma não como alguém deficiente em que lhe falta algo (a audição funcional), mas sim como alguém constituído identitária e culturalmente. Logo, a não aquisição de uma Língua de Sinais na idade adequada poderá gerar comprometimentos graves para as pessoas surdas, tanto no nível linguístico quanto no nível cognitivo. Por outro lado, quanto mais cedo os surdos tiveram contatos com surdos adultos fluentes em Línguas de Sinais, mais pleno será o seu desenvolvimento.

Conforme se pode observar, essa imagem, assim como as anteriores, também faz referência ao artefato cultural linguístico (STROBEL, 2008), sendo a língua de sinais uma das principais marcas da identidade de um povo surdo, tendo em vista que é uma peculiaridade da cultura surda e é uma forma de comunicação que explora as vivências surdas construídas principalmente por meio do campo visual, conforme já indicado, o que proporciona aos surdos transmitir seus pensamentos e ideias e ter acesso às informações e aos conhecimentos disponibilizados atualmente.

## **5. Considerações Finais**

Este artigo buscou, à luz das teorias do campo da Cultura Visual, dos Estudos Culturais e dos Estudos Surdos, compreender aspectos relacionados à arte surda enquanto artefato cultural do povo surdo. Um destaque nas imagens

ARTE SURDA:  
INTERFACES ENTRE CULTURA SURDA E CULTURA VISUAL

Daniel Neves dos Santos Neto  
Luciana Pereira de Jesus  
Antenor Rita Gomes



é que não há a representação do povo surdo e da surdez pela perspectiva da deficiência ou do que supostamente lhes falta – a audição – conforme acontece com frequência nos discursos de muitos ouvintes sob influência das concepções clínico-terapêutica da surdez, mas sim pela perspectiva da presença e do enfoque de diversos elementos culturais – as visualidades, as lutas, as línguas de sinais, os movimentos surdos, as questões da cultura e da identidade surda que são percebidas (in) diretamente em cada imagem analisada.

Este estudo procurou de uma forma sucinta e sem pretensões de esgotar a temática em questão, apontar possíveis caminhos para uma reflexão mais ampla sobre os artefatos culturais produzidos pela cultura surda, em particular, de produções artísticas de alunos (as) surdos (as) de uma escola de filosofia bilíngue (AESOS/BA) a partir da contribuição teórica de áreas de estudos distintas (Estudos Culturais, Estudos Surdos e Cultura Visual) mas que apresentam um potencial dialógico. Procurou-se, assim, durante a análise, estabelecer pontos de interseção e de aproximações entre estas áreas de estudo com o objetivo de potencializar as interpretações em torno dos artefatos analisados, as quais demonstraram o potencial destes artefatos no que tange aos sentidos e às significados que os constituem e que emergem do seu contexto produção.

Igualmente, torna-se necessário ainda o desenvolvimento de novos estudos que deem centralidade às produções artísticas do povo surdo de modo

ARTE SURDA:  
INTERFACES ENTRE CULTURA SURDA E CULTURA VISUAL

Daniel Neves dos Santos Neto  
Luciana Pereira de Jesus  
Antenor Rita Gomes



a contribuir com a ampliação da visibilidade dos artistas surdos tanto no meio acadêmico quanto no meio educacional. Tais estudos poderão proporcionar que surdos e ouvintes possam conhecer, a partir de um artefato cultural do povo surdo de dimensão essencialmente visual, os elementos históricos, culturais, linguísticos e identitários desse povo que tem sido histórica e hegemonicamente silenciado a partir das diversas imposições ouvintistas que se materializam no Congresso de Milão no Século XIX e que ainda assombram a cultura surda na atualidade.

## Referências

BRASIL. *Lei nº 11.796 de 29 de outubro de 2008*. Institui o Dia Nacional dos Surdos. Disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2008/Lei/L11796.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11796.htm). Acesso em 26/11/2016.

\_\_\_\_\_. *Lei 10.436 de 24 de abril de 2002*. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS e dá outras providências. Disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2002/L10436.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/L10436.htm). Acesso em 26/11/2016.

CAMPELLO, A. R. *Aspectos da visualidade na educação de surdos*. Tese (Doutorado em Educação). Florianópolis: UFSC, 2008.

GOMES, A. R. *Lectura de Imagen e Aprendizaje Significativo*. In Bibliotecas, lecturras y TICs – hachetepepe número 04: revista científica de educación. Grupo Educon. Facultad de Educación. Universidad de Cádiz. ES. 2011. p. 136-146

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 9. ed. R. Janeiro: DP&A, 2004.

ARTE SURDA:  
INTERFACES ENTRE CULTURA SURDA E CULTURA VISUAL

Daniel Neves dos Santos Neto  
Luciana Pereira de Jesus  
Antenor Rita Gomes



- LANKSHEAR, C. KNOBEL, M. *Projeto pedagógico: do projeto à implementação*. Porto Alegre: Artmed, 2008.
- MEIRELLES, V. SPINILLO, A. G. *Uma análise da coesão textual e da estrutura narrativa em textos escritos por adolescentes surdos*. Revista Estudos de Psicologia, 2004, p. 131-144, v. 9. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/epsic/v9n1/22389.pdf>. Acesso em 26/11/2016.
- MIRZOEFF, N. *Uma introducción a la cultura visual*. Buenos Aires: Paidós, 2003.
- PERLIN, G. T. T. *O ser e o estar sendo surdos: alteridade, diferença e identidade*. Tese (Doutorado em Educação). Porto Alegre: UFRGS, 2003.
- QUADROS, R. M. *Educação de surdos: a aquisição da linguagem*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- QUADROS, R. M. SOUSA, A. N. *Tópicos especiais em escrita do português como L2*. In: FARIA, E. M. B. CAVALCANTE, M. C. B. (Org). *Língua Portuguesa e LIBRAS: teorias e práticas 8*. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2013.
- REZENDE, P. L. F. *Implante coclear na constituição dos sujeitos surdos*. Tese (Doutorado em Educação). Santa Catarina: UFSC, 2010.
- SALLES, H. M. M. L. *Ensino de língua portuguesa para surdos: caminhos para a prática pedagógica*. Brasília: MEC, SEESP, 2004.
- SANTOS, R. S. *Trabalhando com a história de vida: percalços de uma pesquisa (dora)?*. São Paulo: Revista Especial Enfermagem da USP, 2003.
- SKLIAR, C. (Org.). *Surdez: um olhar sobre as diferenças*. Porto Alegre: Mediação, 1998.
- SILVA, T. T. *Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

ARTE SURDA:  
INTERFACES ENTRE CULTURA SURDA E CULTURA VISUAL

Daniel Neves dos Santos Neto  
Luciana Pereira de Jesus  
Antenor Rita Gomes



SOUZA, M. D. *Artistas Surdos: um resgate de sua identidade e cultura através da arte*. Campina Grande: Anais do Congresso Internacional de Educação e Inclusão: práticas pedagógicas, direitos humanos e interculturalidade, 2014, Volume 1, Número 1. Disponível em [http://editorarealize.com.br/revistas/cintedi/trabalhos/Modalidade\\_4datahora\\_29\\_10\\_2014\\_11\\_48\\_08\\_idinscrito\\_1890\\_a986861c377705159ff4642a723e1e62.pdf](http://editorarealize.com.br/revistas/cintedi/trabalhos/Modalidade_4datahora_29_10_2014_11_48_08_idinscrito_1890_a986861c377705159ff4642a723e1e62.pdf). Acesso em 16/11/2016.

STROBEL, K. *As imagens do outro sobre a cultura surda*. 2. ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2009.

### Apresentação dos Autores:

#### DANIEL NEVES DOS SANTOS NETO



Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Educação e Diversidade pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB - Campus IV) na linha de pesquisa "Formação, Linguagens e Identidades". Especialista em Educação Especial e Inclusiva e em Gestão do Trabalho Pedagógico com ênfase em Supervisão Escolar e Orientação Educacional pelo Centro Universitário UNINTER. Especialista em Educação, Contemporaneidade e Novas Tecnologias pela Universidade Federal do Vale do São Francisco. Licenciado em Pedagogia pela Universidade do Estado da Bahia. Licenciado em Letras - Língua Portuguesa e Literaturas pela Universidade Salgado de Oliveira. Graduando em Letras – Língua Brasileira de Sinais (Libras) pela Universidade Federal da Paraíba. Atuou como Técnico em Assuntos Educacionais no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia (IFBA) - Campus Jacobina/BA. Membro do Grupo de Pesquisa Diversidade, Formação, Educação Básica e Discursos (Difeba) e do Grupo de Estudos em Educação Especial e Inclusiva (Geedice). Atualmente direciono meus estudos, leituras e pesquisas para os seguintes temas: Educação Especial e Inclusiva; Libras; Educação para Surdos; Educação Bilíngue; Ensino de Língua Portuguesa como segunda língua (L2) para Surdos; Análise de Discursos Surdos.

**E-mail:** [danielnetto\\_pedagogo@hotmail.com](mailto:danielnetto_pedagogo@hotmail.com)

#### ARTE SURDA:

#### INTERFACES ENTRE CULTURA SURDA E CULTURA VISUAL

Daniel Neves dos Santos Neto  
Luciana Pereira de Jesus  
Antenor Rita Gomes



### LUCIANA PEREIRA DE JESUS



Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação e Diversidade pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB - Campus IV) na linha de pesquisa "Formação, Linguagens e Identidades". Especialista em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira pela Faculdade São Bento da Bahia. Especialista em Libras e Educação para surdos pela Faculdade Nossa Senhora de Lourdes. Graduada em Letras Vernáculas pela Universidade Federal da Bahia. Membro do Grupo de Estudos em Educação Inclusiva e Especial (GEEDICE). Membro da Associação da Pessoa com Deficiência de Jacobina/BA. Experiência com ensino superior, educação básica, educação inclusiva (Libras), educação indígena, movimentos e projetos sociais.

**E-mail:** [lucianpj@gmail.com](mailto:lucianpj@gmail.com)

### ANTENOR RITA GOMES



Possui Pós-Doutorado em Educação pela Universidade de Cádiz – Espanha (2014), Doutorado em Educação pela Universidade Federal da Bahia (2004), Mestrado em Educação e Pesquisa pela Université du Québec a Chicoutimi (2002), Especialização em Leitura e Produção Textual pela Universidade Estadual de Santa Cruz (1998) e Graduação em Letras Vernáculas pela Universidade do Estado da Bahia (1996). Membro do Conselho Editorial da Revista Científica de Educação e Comunicação Hachetepe (UCA- Cádiz, Espanha) e da Revista Temas em Educação da UFPB; e Professor Titular da Universidade do Estado da Bahia. Tem experiência na área de Educação no Ensino Superior de Graduação e Pós-graduação, além de cursos de atualização docente p/ professores em serviço. Atua nos temas: Cultura Visual, Leitura, Pesquisa em educação e formação de professores; Integra o quadro docente do Mestrado Profissional em Educação e Diversidade - MPED - UNEB Jacobina desde 2014.

**E-mail:** [antenorritagomes@gmail.com](mailto:antenorritagomes@gmail.com)

### ARTE SURDA:

#### INTERFACES ENTRE CULTURA SURDA E CULTURA VISUAL

Daniel Neves dos Santos Neto

Luciana Pereira de Jesus

Antenor Rita Gomes